

DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

A trajetória dos Médicos Católicos e a expansão da assistência à saúde em Belo Horizonte (1930-1945)

*The trajectory of Catholic Doctors and the expansion of health care in
Belo Horizonte (1930-1945)*

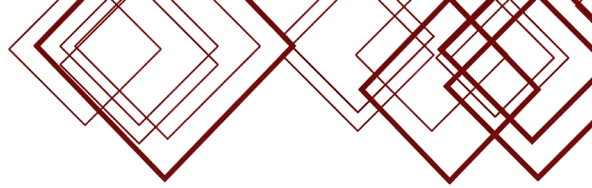
Lucas Lolli Vieira¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo acompanhar, através da prosopografia, a trajetória dos médicos fundadores da Corporação de Médicos Católicos de Belo Horizonte em 1935. Os Médicos Católicos, filiando-se à Sociedade São Vicente de Paulo, participaram ativamente da expansão da assistência à saúde na capital, sobretudo nas Vilas Operárias. Liderados pelo médico Francisco de Souza Lima, a associação médica católica caracterizou por ser essencialmente formada por médicos recém graduados, não naturais de Belo Horizonte, vindo de famílias sem tradição no campo médico, que procuravam adentrar ao mercado de trabalho, construir suas respectivas carreiras e investir na construção de suas imagens sociais. A análise da trajetória de Francisco de Souza Lima revelou aspectos comuns aos demais Médicos Católicos e aos modos de exercer a medicina e de construir a carreira médica.

Palavras-chaves: Prosopografia - Associativismo profissional – Assistência à saúde

Abstract: This paper aims to follow, through prosopographical analysis, the trajectory of the founding members of the Corporação de Médicos Católicos in Belo Horizonte in 1935. The Catholic doctors, being part of the St. Vincent de Paul society, was instrumental on expanding health assistance in the capital city, mostly on working class areas. Led by doctor Francisco de Souza Lima, the Catholic association has been characterized by being essentially composed of professionals who recently got their degrees, not coming from Belo Horizonte, from families without tradition in medicine, who strived to join the labor market, building their respective careers and investing in their public image building. The prosopographical analysis of Francisco de Souza Lima's trajectory has revealed typical aspects common among the Catholic doctors and their ways of practicing medicine and career building.

¹ Doutor em História da Ciências e da Saúde - Casa Oswaldo Cruz - Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. Atualmente é professor na Universidade do Estado de Minas Gerais, no Departamento de Educação e Linguística. E-mail: lucas.lolli@yahoo.com.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0006-8038-7672>.



Key-Words: Prosopography - Professional associativism – Healthcare

A fundação de Belo Horizonte e o desenvolvimento do campo médico na capital

Em 10 de junho de 1935, o Conselho Metropolitano da Sociedade São Vicente de Paulo (SSVP) de Belo Horizonte (BH) se reuniu em sua sede para deflagrar a sessão extraordinária que viria a marcar a fundação da Corporação dos Médicos Católicos² (CMC). A fundação da CMC foi o resultado de um contexto caracterizado pela expansão da Ação Católica na capital mineira, em especial, com o incentivo a formação de associações profissionais devocionais, entrelaçadas ao contexto de institucionalização e expansão da assistência à saúde na recém-inaugurada capital. Através da prosopografia³, este artigo tem o objetivo de

2 Em nosso trabalho, percebemos as associações profissionais e devocionais a partir de sua dupla condição identitária (profissional e confessional). As corporações leigas devocionais são caracterizadas sob uma dupla problemática identitária: primeira, a constituição da sua identidade profissional, a segunda, a constituição de sua identidade religiosa. Em diálogo com Rodríguez (2005), a dupla inscrição identitária, que caracteriza os grupos devocionais e profissionais, se reafirmava em torno do pertencimento à comunidade médico-científica de portadores de um saber que buscava construir sua legitimidade, monopolizar o mercado da prestação de serviços médicos, controlar a exclusividade sobre as práticas médicas-curativas e construir sua autoridade. Ao mesmo tempo, estes médicos são também agentes da militância leiga que estão em consonância com os preceitos da Ação Católica e defendem os princípios da Igreja dentro de suas profissões, conformando uma moral médica católica, ou seja, constituindo uma perspectiva católica sobre a saúde e sobre a prática médica. Trata-se, assim, de grupos que irão postular seus saberes e colocá-los em prática num contexto muito específico, com seus entrelaçamentos profissionais e devocionais. Não obstante, como procuramos demonstrar, a criação da CMC é o reflexo de um contexto específico de militância profissional e religiosa, de inspiração devocional na Ação Católica em Belo Horizonte.

3 No clássico trabalho de Stone (2011) sobre prosopografia, o autor argumenta ser a prosopografia uma ferramenta/técnica de estudo utilizada pela pesquisa histórica para compreender a problemática das biografias coletivas e da análise das carreiras profissionais. Segundo o autor, “a prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas. O método empregado constitui-se em estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes – a respeito de nascimento e morte,



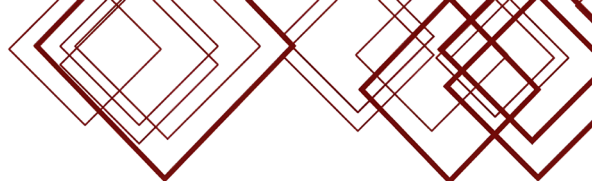
acompanhar a trajetória e o desenvolvimento das carreiras profissionais de um determinado grupo médico, fundadores da principal corporação profissional Médica Católica de BH. Além de ter sido a mais longínqua experiência associativista médica da cidade, a CMC, manteve-se ativa até 2009, e, como se verá, teve importante papel na expansão da assistência caritativa aos pobres e trabalhadores da capital.

A nova capital de Minas Gerais, construída entre os anos de 1894-1897, substituiu a histórica Ouro Preto, dando eco à esperada modernidade republicana que tanto se ansiava entre as elites mineiras. O fim da escravidão e a emergente proclamação da República trouxeram importantes transformações políticas, econômicas e sociais a Minas Gerais e ao Brasil. A construção de uma nova capital, moderna e planejada, era a metáfora de um país, e sobretudo de um estado que procurava se modernizar e avançar no sentido da consolidação do capitalismo.

482

Embora imaginada e construída sob os signos da modernidade, BH era uma cidade que vivia uma ambiguidade temporal entre passado e futuro. Quando planejada, objetivava ser um novo espaço urbano, com seus traçados inspirados no higienismo e positivismo francês, com praças e ruas amplas e retilíneas que favorecessem a circulação do ar, da luz e do vento. O espaço territorial da capital foi dividido em três: Zona Urbana, circunscrita à Avenida do Contorno, cobiçada pelas elites da cidade, serviu como referência para a construção da capital moderna e

casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos e assim por diante. Os vários tipos de informações sobre os indivíduos no universo são então justapostos, combinados e examinados em busca de variáveis significativas. Eles são testados com o objetivo de encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação” (STONE, 2011, pág.: 115). Ao longo deste trabalho procurou-se mapear a origem, a formação profissional e as formas de inscrição da carreira médica em Belo Horizonte, correlacionando estes dados com as estratégias médicas operadas pelo grupo de Médicos Católicos na criação de uma Corporação Médica Católica e ascensão no mercado de trabalho.

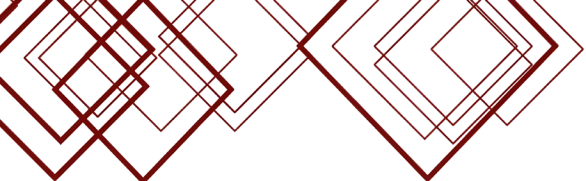


das moradias das pessoas mais ricas e empregadas na administração pública; Zona Suburbana, área que faz perímetro à Zona Urbana da capital e, embora não contasse com o planejamento de ocupação do poder público, foi logo a região onde se desenvolveram os primeiros espaços de ocupação dos trabalhadores da construção civil; e a Zona Rural, local destinado à produção agrícola para a manutenção da cidade.

Contudo, a exclusão dos trabalhadores da construção civil dos traçados planejados, o que, por sua vez, deu origem às primeiras ocupações desordenadas da capital, e convivência com as obras inacabadas que se espalhavam pela cidade, davam a tônica de uma realidade diferente e contraditória. O anseio em representar a entrada de um novo tempo histórico para o estado mineiro, não foi efetivamente concretizado, em especial quando se referia à saúde e bem estar de sua população. Assim, a capital nascia a partir de uma contradição: imaginada sob os preceitos da modernidade e do higienismo, via os signos da exclusão e da pobreza desenvolverem logo em seus primeiros anos de vida.

483

Como é demonstrado por Rita de Cássia Marques (2011), os engenheiros da Comissão liderada por Aarão Reis chegaram a imaginar que a nova capital do estado mineiro, dadas suas características geográficas, climáticas e o ordenado planejamento do espaço urbano, não conviveria com doenças ou epidemias e “certos dessa vantagem, embora constasse de uma área selecionada para tal, os engenheiros positivistas que planejaram BH não viam a construção de um hospital como prioridade. Contudo, sua falta acarretou problemas desde os tempos da construção da cidade.” (MARQUES, 2011, p. 116). A realidade não tardou a se impor sobre os anseios imaginados e, como salienta Writh (1982), a cidade que nascera do antigo Arraial Curral Del-Rey carregava a pejorativa alcunha de “Papudópolis, em homenagem aos caboclos bulbíferos que lá viviam quando começou a construção da nova cidade”

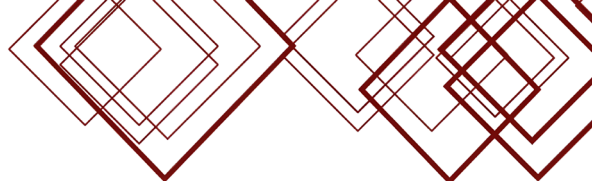


(WRITH, 1982, p. 55).

484

A construção do campo da saúde e da assistência em Belo Horizonte ocorreu mediante a mobilização de diversos agentes, em especial do campo médico e religioso, com destaque para a participação dos confrades da SSVP - os vicentinos. Contando com a formação de parcerias entre os poderes públicos municipal, estadual e federal, que tiveram participação indireta neste processo mediante a transferência de verbas, por meio de subvenções, e de doação de terrenos, médicos e católicos leigos assumiram para si a responsabilidade em ofertar a assistência e o socorro à saúde na capital. Assim, o processo de institucionalização da medicina e das demais instituições que compõem o campo da saúde em BH foi caracterizado pela criação de instituições destinadas à assistência à saúde com ampla participação das instituições religiosas, sobretudo vicentinas, e marcado pelo trânsito dos agentes leigos e religiosos entre os campos científico e católico.

Data de 1896 o início da construção da assistência hospitalar em BH quando, devido a uma epidemia de varíola que acometeu os trabalhadores da construção civil, coube à Comissão construir um hospital de isolamento, localizado na região oeste da capital, para socorrer os trabalhadores. Os serviços hospitalares eram até então ofertados pela Santa Casa de Sabará. Ao que tudo indica, o hospital de isolamento teve uma existência efêmera, limitando-se aos serviços durante a epidemia. A principal instituição hospitalar criada na capital no final do século XIX foi o hospital da Santa Casa de Misericórdia, cuja iniciativa para sua construção foi lançada em 10 de abril de 1898, pelo Comendador Manoel Marques Leitão (SALLES, 2009, p. 39). Como explica Marques (2011), a fundação do hospital, que posteriormente viria a ser nomeado de *Santa Casa de Misericórdia*, representou uma estratégia capaz de mobilizar e aproximar agentes distintos, especialmente católicos e mé-



dicos da cidade, que caracterizaria a construção da assistência à saúde na capital na primeira metade do século XX. As obras para construção do hospital se iniciaram em terreno doado pela prefeitura, “constituído pelo quarteirão número 20; [...] área esta posteriormente acrescida do quarteirão 32, da 12ª Secção Urbana.” (SALLES, 1997, p. 40). Os anos seguintes marcaram o crescimento do Hospital: em 1901 foi inaugurada a enfermaria; em 1903 foi inaugurado o Pavilhão Central; em 1910 inaugurado o Pavilhão Hugo Werneck, que era dividido por dois pavilhões, de clínica cirúrgica de mulheres e a maternidade; e em 1911 foi inaugurada a policlínica.

Ainda durante a década de 1910, foram fundadas outras instituições hospitalares na capital: o Hospital de Isolamento, em 1910, o Hospital Militar, em 1914 e a Maternidade Hilda Brandão, fundada em 1916 (SALLES, 1997, p. 46-48). Entretanto, como explica Chaves (2011), foi por consequência da Pandemia de 1918 que percebemos um aumento vertiginoso na construção de instituições hospitalares na capital mineira, sendo criados, nos anos seguintes, o Hospital São Vicente (1921), que viria a ser o Hospital das Clínicas, e outras instituições anexas ao Hospital das Clínicas: “os Hospitais São Geraldo (1920), Borges da Costa (1922), Carlos Chagas (1939), Bias Fortes (1954) e Maria Guimarães (1945). Destacam-se, ainda, o Hospital São Lucas (1922), o Instituto Raul Soares (1922), o Hospital Maria Amélia Lins (1947) e o Centro Psíquico da Adolescência e da Infância (1947), entre outros” (CHAVES, 2011, p. 127). Vale, contudo, destacar que todos estes hospitais fundados durante as três primeiras décadas de existência de BH estão localizados na região que atualmente é denominada como área hospitalar. Localizados na região do bairro de Santa Efigênia, nas adjacências do Parque Municipal, estes hospitais foram construídos dentro dos limites da Zona Urbana da Capital, ou seja, todos estes hospitais



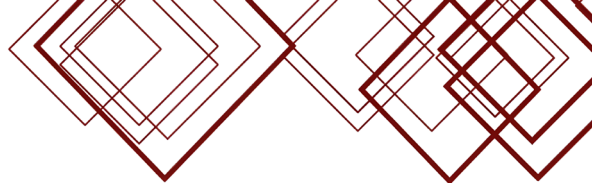
mencionados foram construídos circunscritos à Zona Urbana, dentro dos espaços ordenados e regulamentados pela prefeitura para tanto.

Outro marco institucional que colaborou com enorme importância para promover o desenvolvimento do campo médico acadêmico na capital foi a criação da Faculdade de Medicina em 1911. As tratativas para criar uma Faculdade de Medicina em Minas Gerais rememoravam a tempos passados: era uma antiga aspiração das elites do estado que vez ou outra levavam a questão ao debate público, sem contudo obter êxito. Porém, com a inauguração da nova capital, o debate político para inaugurar uma Faculdade de Medicina voltou a figurar entre os debates realizados pelos membros das elites políticas mineiras, como Silviano Brandão e Afonso Pena.

486

Para levar a cabo o projeto de fundação da Faculdade de Medicina, constituiu-se, em 1910, no seio da Associação Médico-Cirúrgica de BH, uma comissão composta pelos médicos Cornélio Vaz de Melo, Hugo Werneck e Zoroastro Alvarenga que produziu um parecer positivo sobre a criação da Faculdade. No dia 30 de julho de 1911, a pedra fundamental foi lançada e, no ano seguinte, a Faculdade iniciou suas atividades formando sua primeira turma de médicos no ano de 1917. A Faculdade de Medicina de Belo Horizonte foi também o palco do encontro e da formação médica acadêmica no estado. Por ser até então a única instituição universitária que ofertava a graduação em medicina no estado de Minas Gerais, e pela força gravitacional exercida por BH ao manter as elites mineiras unidas em torno da nova capital (Writh, 1982), a Faculdade de Medicina foi o centro de atração para diversos jovens universitários que pretendiam iniciar-se nos estudos acadêmicos e que se mudaram para a cidade nas primeiras décadas.

Não obstante a Faculdade de Medicina tenha sido o epicentro da



difusão do conhecimento médico acadêmico e tenha exercido importante fator para promover a formação da mão de obra médica acadêmica para competir no mercado das práticas curativas, a disposição de seus agentes acadêmicos, médicos ou não, e a transitoriedade destes entre os campos científicos e religiosos na capital, fez da Faculdade um destes variados palcos onde os interesses pessoais e religiosos se misturaram aos interesses profissionais e acadêmicos.

A fundação da primeira corporação de médicos católicos da capital, a Sociedade Médica São Lucas, foi fruto do encontro de interesses e expectativas do clero belo-horizontino com os professores do curso de medicina da Faculdade de Medicina. A aproximação dos médicos com o clero belo horizontino, representado por duas figuras eminentes do catolicismo regional, Dom Cabral⁴ e o Padre Alvaro Negromonte, teve ampla convergência na ação de alguns médicos mais influenciados pela Ação Católica, como, por exemplo, os médicos Olinto Orsini, Roberto Almeida Cunha e Lúcio José dos Santos, os primeiros professores da Universidade e o último, reitor da Universidade de Minas Gerais. Os três eram amigos pessoais de Dom Cabral, e Olinto Orsini e Roberto Almeida Cunha, além de professores da Faculdade de Medicina, foram importantes lideranças da Ação Católica que participaram na fundação da Juventude Estudantil Católica, da Juventude Universitária Católica,

487

⁴ Antônio dos Santos Cabral, ou, como ficou mais conhecido, Dom Cabral. Nascido em 1884, iniciou sua formação eclesiástica em Salvador, estudando no Seminário Santa Teresa. Ordenou-se padre em 1º de novembro de 1907. Nomeado bispo em Natal, RN, em 1917 exerceu seu bispado até o dia 30 de abril de 1922, quando transferiu-se para recém criada diocese de Belo Horizonte. Tornou-se o primeiro Bispo da capital mineira e em 1924, com a elevação da diocese a arquidiocese, Dom Cabral tornou também o primeiro Arcebispo de Belo Horizonte, mantendo-se na cidade até 1967, quando aos 80 anos de idade veio falecer. Sua atuação norteou-se sob os princípios da Ação Católica e teve uma importante participação na institucionalização da Igreja em Minas Gerais, atuando para a realização de diversos Congressos Católicos em Belo Horizonte e na aproximação entre o poder religioso e político local e estadual

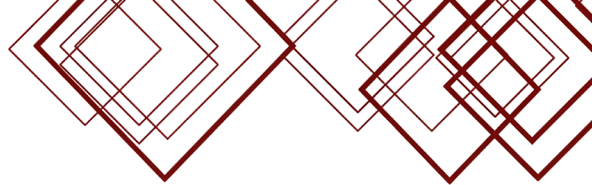


da Juventude Operária Católica e da União dos Moços Católicos. A constituição das corporações profissionais devocionais favorecia e potencializava essa característica e, assim, a crença privada destes homens entrelaçava com suas atividades profissionais, formando um trânsito de mão dupla com a circularidade dos agentes religiosos nas instituições de saúde e dos agentes do campo científico nas instituições religiosas, centralizando e demarcando um aspecto importante do processo de institucionalização da assistência e do campo médico na capital do estado.

488

A fundação de uma nova capital produziu uma reconfiguração das forças políticas e econômicas de Minas Gerais, o que, por consequência, alterou a dinâmica política, social e econômica do estado. A criação dos aparatos institucionais da saúde na nova capital, os quais foram caracterizados pela inserção de médicos sanitaristas nos condomínios da administração pública da cidade (Carvalho, 2008), e a fundação de hospitais, como a Santa Casa de Misericórdia, e de instituições vinculadas à pesquisa médica, como a Fundação Ezequiel Dias, fundada em 1907, e da Faculdade de Medicina, em 1911, propunha mudanças significativas no campo médico mineiro, e, especialmente, em BH - o epicentro destas transformações institucionais que vieram a centralizar e produzir um contínuo processo de profissionalização da medicina acadêmica dentro do campo da saúde no estado. Nesse sentido, uma geração de brasileiros que nasceu nos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, foi testemunha das mudanças que se passavam no Brasil, e, em especial, em Minas Gerais com sua nova capital.

Entre esta geração de nascidos nas primeiras décadas da República brasileira estavam aqueles futuros médicos que, em 1935, viriam a fundar a CMC. Nascidos entre 1901 a 1916, estes futuros médicos, cujas origens remetem a diversas regiões do estado de Minas Gerais, mudaram-se para BH e foram estudar na Faculdade de Medicina.



Quando procuraram iniciar e construir suas carreiras médicas, depa-
raram-se com uma cidade que buscava institucionalizar o monopólio
das atividades médicas acadêmicas nos serviços da saúde e consolidar
seus aparatos institucionais dedicados à prestação da assistência à saú-
de e à profissionalização do campo, contando com uma característica
fundamental durante estes processos: um forte diálogo com o catolicismo
social, em especial com a ação vicentina.

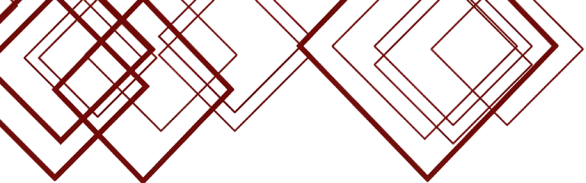
A Corporação dos Médicos Católicos e as trajetórias médicas

Quando os médicos que fundaram a CMC nasceram, no início
do século XX, a nova capital do estado de Minas Gerais, havia acabado
de ser inaugurada, e, com seus apelos modernistas, pretendia trazer ao
estado de Minas Gerais um novo tempo histórico, caracterizado pela
reconfiguração das forças políticas e econômicas do estado e pela cria-
ção da Faculdade de Medicina. A transferência da capital representou
o principal marco histórico e geracional do estado naquele contexto,
o que trouxe um grande impacto na vida dos mineiros e no desenvol-
vimento do campo da saúde no estado. Assim, entre os 24 médicos
signatários e fundadores da CMC, 19 não haviam nascidos em BH, e
22 - alguns ainda graduandos - estudaram na Faculdade de Medicina de
Belo Horizonte⁵.

489

Entre os 24 membros fundadores, é possível perceber algumas

5 Entre os signatários e fundadores da CMC, estavam nominados 16 médicos e 8 graduandos em medicina, sendo eles: Francisco de Souza Lima, Delor Luis Ferrera, Tupy Coutinho Soares, Berardo Nunan, Rodovalho Mendes Domenici, Mario Vas de Melo, José Ribeiro, Victor Lacombe, Jayme Werneck, Pérsio Pereira Pinto, Hilton Rocha, José Pinheiro Chagas, Ubirajara França Dinis, [Acacio] Dolabella, Paulo Miranda e João Ignácio da Costa Santos, todos estes médicos e graduados. Já os graduandos em medicina eram: José Mariano, Theophilo de Souza Lima, Antonio Ximenes de Moraes, Arlindo Polizzi, Antônio Nunes Carvalho, Domingos Magalhães Lopes, Deodoro Barcellos e José Amaral Castro. (LIVRO DE ATAS, 1927-1936, págs.: 169, 170 e 171).



características gerais em comum. Todos nasceram entre 1902-1916, e, em 1935, data da fundação da CMC, o médico mais velho do grupo era Acácio Correa Dolabella, com 33 anos (*Tabela 1*). Os demais fundadores tinham idade inferior a 30 anos de vida, sendo que doze destes médicos tinham idades entre 25 a 30 anos e outros oito entre 20 a 25 anos e apenas um tinha idade inferior a vinte anos. No que se refere ao local de nascimento, percebe-se também em comum outra característica predominante no grupo: a maior parte dos fundadores da CMC não nasceram em Belo Horizonte, e foram atraídos pela cidade exatamente para realizarem a graduação em medicina - apenas Biagio Arlindo Polizzi (1916), Berardo Nunan (1908), Deodoro Barcellos Correa (1911), Jayme Werneck (1908) e Tupy Coutinho Soares (1907) nasceram na capital. Vinculando os dados referentes ao desenvolvimento econômico das regiões de Minas Gerais com adensamento populacional e às origens regionais dos Médicos Católicos, percebemos que todos os médicos que fundaram a CMC nasceram nas principais (ou medianas) zonas econômicas e populosas do estado de Minas Gerais.⁶

6 Aproximo das contribuições de Wirth (1982) e Godoy (2017). Para Wirth, Minas Gerais era um *mosaico territorial* composto de sete zonas regionais de características econômicas, demográficas, políticas, sociais e culturais diferentes. Estas sete zonas eram divididas entre Norte, Leste, Centro, Triângulo, Oeste, Sul, Mata (WIRTH, 1982, p. 39-45). Godoy utiliza uma outra metodologia, optando por adotar em seu trabalho as 17 *Zonas Fisiográficas* (ZF) seguindo, assim, a divisão do estado de Minas Gerais utilizada pelo IBGE em 1941 (GODOY, 2017, p. 282), sem, contudo, negar as diferenças socioeconômicas de cada região que resultou em um processo desigual de distribuição populacional, econômico e de modernização dos meios de mobilidade no estado. A partir de Godoy (2017), se correlacionarmos o nível de desenvolvimento do estado de Minas Gerais e suas respectivas ZF percebermos que: o nível de desenvolvimento baixo era composta pelas ZF Urucuia, Alto São Francisco, Alto Médio São Francisco, Montes Claros, Itacambira, Alto Jequitinhonha, Médio Jequitinhonha, Baixo Médio Jequitinhonha e Mucuri; já o nível de desenvolvimento médio era composto pelas ZF Triângulo Mineiro, Paranaíba-Grande, Oeste e Rio Doce, enquanto que o nível alto de desenvolvimento alto era composto pelas ZF Sul de Minas, Campos da Mantiqueira Mineira, Metalúrgica e Zona da Mata.

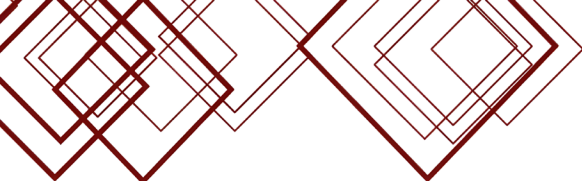
Tabela 1 - *Dados biográficos e profissionais dos Médicos fundadores da CMC⁷*

Mesorregiões de Minas Gerais ⁸	Nome do médico/ Ano de nascimento/ Cidade Natal	Ingresso e Conclusão do Curso de Medicina	Idade em 1935	Perfil Médico - Especialidade
Centro	Acácio Correa Dolabella – 1902 - Lagoa Santa	1929 – 1934 18º Turma	33 anos	Especialista Pediatria
	Biagio Arlindo Polizzi – 1916 - Belo Horizonte	1933 – 1938 22º Turma	19 anos	Especialista Cardiologia
	Berardo Nunan – 1908 - Belo Horizonte	1928 – 1933 17º Turma	27 anos	Especialista Pediatria
	Deodoro Barcellos Correa – 1911 - Belo Horizonte	1931 – 1936 20º Turma-	24 anos	Especialista Pediatria e Ortopedia
	Domingos Magalhães Lopes – 1915 - Ouro Preto	1933 – 1938 22º Turma	20 anos	Não encontrado

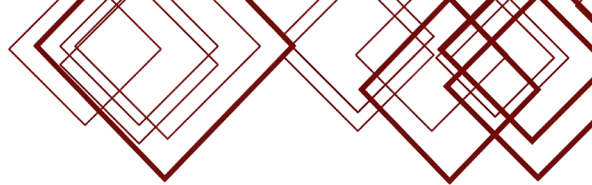
491

7 Os dados biográficos apresentados são de informações públicas levantadas a partir da pesquisa documental e da sistematização dos documentos encontrados. A documentação consultada para tanto trata-se das *fichas de matrículas* dos discentes no curso de medicina, disponíveis no Centro de Memória da Faculdade de Medicina da UFMG (Cememor). No que refere-se a coluna perfil médico esta foi preenchida mediante a documentação de *anúncios de serviços médicos* que circularam no periódico *O Diário* (1930-1945) disponíveis para pesquisa na Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais.

8 Dos 22 médicos cujos dados conseguimos levantar, em relação a 20 deles foi possível utilizar os critérios geográficos utilizados por Writh (1982). A exceção são os médicos José Pinheiro Chagas Filho que é natural do Distrito Federal, Rio de Janeiro, e o médico José Amaral Castro que é natural de Queluz, São Paulo. José Pinheiro Chagas frequentou a Faculdade de Medicina entre 1928 a 1933 (17º Turma), enquanto José Amaral Castro esteve entre 1929 a 1934 (18º Turma). José Pinheiro Chagas exerceu a medicina através do perfil médico especialista, atuando na área da Otorrinolaringologia, enquanto José Amaral Castro foi um médico de perfil Generalista. Quanto ao médico Victor Lacombe, não encontramos informações sobre suas origens e nem referente ao local em que se graduou em medicina, apenas que foi um médico que atuou pelo perfil especialista através da especialidade da Ginecologia e obstetrícia.



	Jayme E. F. Werneck – 1908 - Belo Horizonte	1928 – 1933 17º Turma	27 anos	Especialista Ginecologia
	José Mariano – 1912 - Sete Lagoas	1927 – 1932 17º Turma	23 anos	Não encontrado
	Mário Vaz de Mello – 1907 - Sete Lagoas	1927 – 1932 16º Turma	28 anos	Especialista Tisiologia
	Tupy Coutinho Soares – 1907 – Belo Horizonte	1929 – 1934 18º Turma	28 anos	Especialista Moléstia em Nutrição
	Ubirajara França Dinis – 1906 - Sete Lagoas	1927 – 1932 16º Turma	29 anos	Não encontrado
Sul de Minas	Antônio Paulo Ximenes de Morais – 1914 – Campanha	1933 – 1938 22º Turma	21 anos	Não encontrado
	Francisco de Souza Lima – 1909 - Varginha	1927 – 1932 16º Turma	26 anos	Especialista Pediatria
	Hilton Rocha – 1911 - Cambuqueira	1928 – 1933 17º Turma	24 anos	Especialista Oftalmologia
	Pérsio Pereira Pinto - 1905 - Itajubá	Não encontrado	30 anos	Especialista Pediatria
Triângulo Mineiro	Antônio Nunes de Carvalho – 1913 - Araguari	1931 – 1936 20º Turma	22 anos	Especialista Pediatria
	Delor Luís Ferreira – 1905 - Patos de Minas	1927 – 1932 16º Turma	30 anos	Não encontrado
	Paulo de Castro Miranda – 1910 – Uberaba	1929 – 1934 18º Turma	25 anos	Generalista



Zona da Mata	José Ribeiro Filho – 1906 - Rio Casca	1929 – 1934 18º Turma	26 anos	Especialista Pediatria
	Rodvalho Mendes Dome- nici – 1908 – São João do Matipó	1929 – 1934 18º Turma	27 anos	Não encon- trado
	Theophilo de Souza Lima – 1913 - Cataguases -	1933 – 1938 22º Turma	22 anos	Especialista Cirurgia, Urologia e Sífilis.

Dos 24 médicos que fundaram a CMC, conseguimos levantar informações sobre suas origens em 22 casos, sendo que 10 nasceram na Zona Central do estado, 4 na Zona Sul, 3 na Zona da Mata e outros 3 no Triângulo Mineiro – as exceções tratam-se dos drs. José Amaral Castro e José Pinheiro Chagas Filho que nasceram, respectivamente, na cidade de Queluz, São Paulo, e no Distrito Federal, Rio de Janeiro. Nenhum dos médicos fundadores da CMC nasceu nas Zona Norte, Leste ou Oeste do estado, regiões menos populosas e menos desenvolvidas. Se somados os médicos que nasceram na Zona Sul, Centro e Zona da Mata, temos um total de 17 médicos, ou aproximadamente 78%, sendo que somente 3, ou aproximadamente 14%, vieram do Triângulo Mineiro. Assim, percebe-se que estes médicos eram descendentes de famílias que viviam nas áreas mais desenvolvidas do estado, tanto economicamente quanto demograficamente, e que, por sua vez, estiveram mais acessíveis às modernizações vivenciadas do final do século XIX e início do século XX no estado.

493

É relevante também destacar outra característica percebida entre este grupo de médicos: todos vieram de famílias que não possuíam tradição e nenhum outro membro familiar graduado em medicina. Jayme Werneck foi a única exceção. Filho do famoso médico da capital Hugo Werneck, Jayme Werneck seguiu os passos trilhados pelo seu pai, e tor-



nou-se também médico de “doenças das senhoras, partos e operações” (ANUNCIO, 12 de janeiro de 1941, p.3), destacou-se na clínica médica e fez carreira na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. A influência do pai na vida profissional e nos meios de inscrever sua profissão na sociedade parece, ao que tudo indica, ter ultrapassado as semelhanças pelas escolhas profissionais médicas e ter influenciado no processo de inscrição da profissão médica nos anos 30.

A origem do médico Biagio Arlindo Polizzi era outra. Filho dos imigrantes italianos Biaggio Polizzi (Itália, 1871-Belo Horizonte, 1944) e Angela Polizzi, que chegaram em BH em 1896 e trabalharam na construção civil da cidade. Já o médico Hilton Rocha, nascido em 23 de dezembro de 1911, na vila São Sebastião de Cambuquira, no sul do estado de Minas Gerais, era filho de funcionário público e, relatando em um esboço autobiográfico, Hilton Rocha lembrava sobre sua infância:

Aqui [em Belo Horizonte] aportei aos dez anos de idade, no ano de 1922. Com meus pais, a cuja dedicação e sacrifício, e principalmente a cujo exemplo me habituei, crescendo num ambiente modesto, probo, honesto e digno. Cheguei a Belo Horizonte em 1922. Cidade pequena, provinciana, mas com todas as condições de bem nascida. Cresci na cidade” (TOPI-COS DE UMA VIDA, Novembro/Dezembro, 2011).

O relato de Hilton Rocha revela a vida de uma pessoa que não vivia a opulência das elites belo-horizontinas. O líder e presidente da CMC, Francisco de Souza Lima teve uma trajetória parecida, em certa medida, com a de Hilton Rocha. Ambos nasceram fora da capital, ao sul do estado e seus pais mudaram para a capital para preencher os quadros da burocracia estatal. Francisco de Souza Lima nasceu em 26 de agosto de 1909, na cidade de Varginha. Primogênito de Luciano de Souza Lima e irmão dos também médicos da CMC: Theóphilo de



Souza Lima e Paulo de Souza Lima. Seu pai, Luciano de Souza Lima, era juiz de direito na cidade de Cataguazes, lugar onde nasceu seu segundo filho, Thephilo de Souza Lima (O ESTANDARTE, 16 de março de 1918). Francisco de Souza Lima herdou de seu pai a aproximação com o mundo católico vicentino, pois seu pai era também vicentino e presidente do Conselho Particular da Sociedade São Vicente de Paulo de Cataguazes (O ESTANDARTE, 20 de abril de 1913). E foi por decreto do governo do Estado, publicado no dia 29 de outubro de 1918, que Luciano de Souza Lima foi nomeado juiz na capital, assumindo a segunda vara da capital. (O PHAROL, 29 de novembro de 1918, p. 1).

Nas duas primeiras décadas, a população de BH cresceu de forma acentuada. Em 1900, a cidade contava com 13.472 habitantes, e uma década depois, em 1910, viviam na cidade 33.245 habitantes. De acordo com os dados da *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (1958), em 1918, quando Francisco de Souza Lima se mudou para BH, a cidade contava com uma população de 51.834 habitantes e, três anos após, em 1921, quando Hilton Rocha se mudou para a cidade, a população crescerá em quase 10 mil novos habitantes, sendo recenseada com 61.156.

495

Dentre os 24 médicos fundadores da CMC, foram 22 os que concluíram os estudos na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, entre os anos de 1927 a 1938, momento em que a Faculdade de Medicina passou a compor a Universidade de Minas Gerais (UMG). Os 22 médicos dos quais obtivemos informações cursaram suas graduações entre os anos de 1927 e 1938, ou seja, pouco mais de uma década foi o tempo em que todos os membros fundadores da CMC realizaram suas respectivas graduações médicas. Quando em 1935 fundou-se a CMC, os médicos veteranos tinham concluído o curso de medicina há apenas três anos – sendo eles Delor Luis Ferreira, Francisco de Souza Lima, José Mariano, Mário Vaz de Mello e Ubirajara França Dinis. Estes cinco



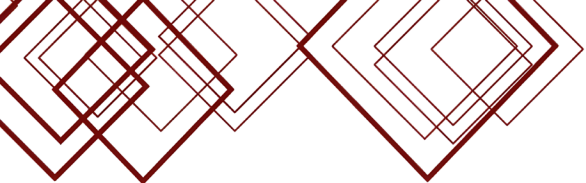
médicos frequentaram a 16º turma de medicina da UMG, entre os anos de 1927 a 1932, representando 23% dos médicos fundadores da CMC. Seguido a estes médicos, estão os da 17º turma de medicina, sendo eles Berardo Nunan, Hilton Ribeiro Rocha, Jayme Eiras Furquim Werneck, João Ignácio da Costa Santos e José Pinheiro Chagas Filho, que frequentaram a UMG entre os anos de 1928 e 1933, representando, em 1935, 23% dos médicos fundadores da CMC. Da 18º turma, entre os anos de 1929 e 1934, vieram seis outros médicos, sendo eles Acácio Correa Dolabella, José Amaral Castro, José Ribeiro Filho, Paulo de Castro Miranda, Rodovalho Mendes Domenici e Tupy Coutinho Soares, representando, em 1935, 27% dos médicos que fundaram a CMC. Da 20º turma, vieram apenas dois médicos, Antônio Nunes de Carvalho e Deodoro Barcellos Correa, que realizaram seus estudos médicos entre 1931 a 1936 e representavam apenas 9% dos médicos fundadores da CMC. Os demais quatro médicos vieram da 22º turma, iniciaram seus estudos em 1933 e o concluíram em 1938, sendo eles os médicos Antônio Paulo Ximenes de Moraes, Biagio Arlindo Polizzi, Domingos Magalhães Lopes e Theophilo de Souza Lima, todos estes últimos graduandos quando a CMC foi fundada, representando um total de 18%. Assim, esses médicos acompanharam as transformações vivenciadas pela instituição e frequentaram, quase simultaneamente, os mesmos corredores da Faculdade, compartilhando da mesma grade curricular e professores. Percebe-se uma outra característica em comum do grupo: os médicos da CMC eram jovens e recém graduados, não possuíam uma clientela consolidada e disputavam, com outros médicos belo-horizontinos, modos de adentrar ao mercado de trabalho em formação.

Todos os médicos da CMC atuaram na clínica médica e foi possível perceber uma tendência quanto à atuação destes médicos: a maioria deles optou por exercer sua profissão pelo perfil do médico especialista.



Entre os 17 médicos sobre os quais encontramos alguma informação a respeito do perfil adotado na construção de sua respectiva carreira – especialista ou generalista – 15 deles optaram pela escolha do perfil médico especialista. Dentre as especialidades médicas escolhidas pelos fundadores da CMC, sete deles foram pediatras, outros dois escolheram a ginecologia e a obstetrícia, um escolheu a cardiologia, um a oftalmologia, um a otorrinolaringologia, um a fisiologia, um a cirurgia, urologia e sífilis, e um a especialidade em moléstias de nutrição.

A primazia do perfil especialista sobre o generalista, percebido como escolha majoritária para exercerem seus perfis médicos, tinha razão de ser. Como explica Pereira (2006), a tendência à formação de médicos especializados norteou as instituições de ensino a partir da segunda década do século XX, e foi entre o período dos anos 1930 e 1950 que houve uma expansão do médico de perfil especialista no Brasil, fruto do incentivo das reformas de ensino durante a Era-Vargas e das novas concepções que giravam em torno do médico especialista como sinônimo de moderno. Percebe-se também a predominância da especialidade pediatra sobre as demais especialidades entre os Médicos Católicos. Assim, é possível também correlacionar este a um novo entendimento da criança e das concepções médicas a respeito das fases do desenvolvimento humano. Contudo, importante também destacar a provável influência que o professor Melo Teixeira exerceu na escolha desta especialidade entre os Médicos Católicos. Melo Teixeira tornou-se professor da Cátedra de Pediatria na Faculdade de Medicina em 1920, e, como ressalta Almeida (2009, p. 60), foi a partir de sua atuação na Faculdade de Medicina que nasceu a “escola de Pediatria Mineira” e, nela, “a Puericultura adquire foro de ciências.” Melo Teixeira lecionou para todos os médicos que fundaram a CMC, sendo que, tanto Francisco



de Souza Lima quanto Berardo Nunan foram assistentes do professor.⁹

498

Dentre os médicos da CMC, a trajetória profissional de Francisco de Souza Lima representa aquele que melhor construiu sua carreira profissional em diálogo com a SSVP. Em torno dele, orbitou um determinado grupo de médicos membros da CMC, que, à semelhança do presidente da CMC, procuraram também construir suas respectivas carreiras em diálogo e em trânsito com a assistência médica vicentina. Nesse sentido, a atuação de Francisco de Souza Lima se destaca não apenas por ter sido presidente da CMC, mas, sobretudo, por ter sido o representante mais eloquente de um determinado modo de construir a carreira profissional e de atuar como médico, que optou – optaram - por construir(em) sua(s) carreira(s) e identidade(s) profissional(is) em diálogo com o mundo católico. Forasteiros em uma cidade estranha à sua de nascimento, advindos de famílias sem tradição e renome na medicina e em busca de adentrar ao mercado de trabalho, Souza Lima e seu grupo de adeptos procuraram meios de suprir as dificuldades encontradas por aqueles médicos sem hospital, buscando inserir-se profissionalmente na sociedade belo-horizontina através da caridade vicentina e manuseando um rol de estratégias profissionais e católicas para construir suas respectivas imagens sociais, uma clientela e garantir espaços de atuação profissional.

⁹ A relação de Melo Teixeira com os membros da CMC foi extensa. Menciona-se que esta aproximação ultrapassou a Faculdade de Medicina, sendo também estendida para o Sindicato Médico de Belo Horizonte, no qual Melo Teixeira foi fundador e primeiro presidente, função que exerceu até a eleição dos Médicos Católicos para as fileiras do Sindicato Médico em 1939, substituindo Melo Teixeira. Ademais, destaca-se também que Berardo Nunan foi quem, por ocasião da aposentadoria de Melo Teixeira da cátedra de pediatria da Faculdade Medicina, tornou-se o novo professor da disciplina curricular.



A Corporação dos Médicos Católicos e a expansão da assistência em Belo Horizonte

A participação dos vicentinos na assistência à pobreza na capital era extensa e datava da inauguração da cidade. A primeira conferência vicentina fundada em BH foi a Conferência Nossa Senhora da Boa Viagem, em 15 de agosto de 1897. As décadas posteriores marcaram o desenvolvimento da SSVP na Capital com a criação do Conselho Metropolitano, em 1919, e a crescente expansão pela cidade quando, em 1930, a SSVP registrou a criação de onze Conselhos Particulares e, pelo menos, 65 novas Conferências.

O sucesso da expansão vicentina pela capital não é reflexo somente da organização administrativa da SSVP de Belo Horizonte, e certamente pode ser atribuído a outras conjunturas da época: a primeira, a Era Vargas. A chegada de Vargas ao poder acentuou-se a aproximação da Igreja com o Estado brasileiro, e, por meio do decreto

499

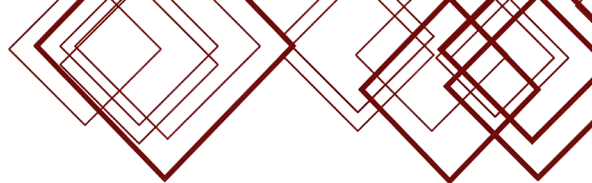
20.351 de 31/08/1931, estabelecia a criação das Caixas de Subvenções que serviram para facilitar a entrada de diversos grupos católicos no Estado brasileiro, subsidiando a atuação destes na capilaridade do Estado, sobretudo na prestação da assistência caritativa destinada aos cuidados da saúde. Como explica Marcos Gonçalves, “entre o período demarcado pelo governo provisório e o governo constitucional de Vargas (1930-1937), foi que a Igreja e suas organizações mais puderam usufruir, legal e financeiramente, de benefícios direcionados ao desenvolvimento de seus projetos pastorais e administrativos no campo específico da caridade” (GONÇALVES, 2011, p. 318-319). Assim, as Caixas de Subvenções ajudaram a financiar os grupos católicos militantes e a expandir a sociedade São Vicente em BH que teve especial destaque na assistência à saúde da população pobre com a criação de



hospitais, creches, lactários entre outros.

Outra conjuntura favorável à expansão vicentina na capital remete ao particular contexto católico vivenciado em Belo Horizonte. A chegada do primeiro bispo e posterior arcebispo, Dom Cabral, em 1922, favoreceu a expansão do movimento católico militante inspirado na Doutrina Social Católica - a Ação Católica (AC). Em terras mineiras, Dom Cabral procurou sintetizar suas ações a partir da consolidação de um exército de católicos militantes, coesos e orgânicos, dispostos a atuarem em vários setores da sociedade. A criação de associações profissionais e devocionais foi pauta extremamente estimulada pela AC, inspirando a militância leiga a constituírem diversos grupos associativos. Neste sentido, registrou-se em Belo Horizonte, simultaneamente à criação da CMC, as Corporações: Dentistas Católicos, Engenheiros Católicos, Professoras Católicas, Advogados Católicos, entre outras (VIEIRA, 2020). Assim, a fundação da CMC fazia parte de um contexto de catolicismo militante que, em conjunto com a SSVP, traduziu em práticas médicas às ações caritativas vicentinas de assistência aos pobres e de criação de instituições destinadas aos cuidados da saúde.

Durante a década de 1920, a prefeitura de Belo Horizonte intensificou o combate e a repressão às moradias em áreas não regulamentadas pelo poder público, perseguindo-as e destruindo – como, por exemplo, ocorrera com o Morro da Barroca. Ao passo em que, enquanto a prefeitura perseguia e destruía ocupações em determinadas áreas não-regulamentadas, atuava também em sentido oposto, sobretudo, na região nordeste da cidade, regulamentando as vilas operárias que se expandiram naquela região. Neste contexto, a Prefeitura criou, em 1928, a Vila Operária da Concórdia, regulamentando e legalizando a ocupação da região outrora considerada desregulamentada e ilegal segundo a demarcação territorial da cidade

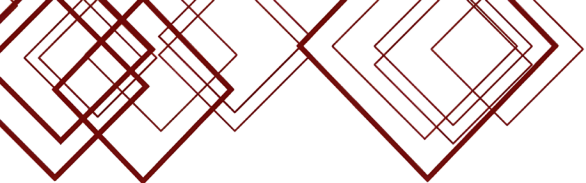


planejada. À medida em que a Prefeitura foi transformando estas ocupações desregulamentadas em ocupações regulamentadas, atribuindo a elas o véu da legalidade do poder público, a assistência vicentina à saúde foi se expandindo para estas novas áreas regulamentadas.¹⁰ Dessa forma, a expansão da cidade para além dos limites da zona urbana foi acompanhada pela renovação das parcerias firmadas entre a Prefeitura e a SSVP que seguiam os caminhos das regulamentações das regiões ocupadas e não planejadas da cidade. Não obstante, a SSVP recebeu do poder municipal uma série de subvenções e terrenos, na recém criada Vila Operária da Concórdia, para construir uma rede de assistências à saúde, liderados pelos médicos da CMC, que compreendia a Creche e Lactário Menino Jesus, o Hospital São Francisco de Assis e a Cidade Ozanam - todos estes estabelecimentos localizados na Vila da Concórdia.

501

Francisco de Souza Lima herdou do pai a qualidade de vicentino. Graduou-se médico em 1932 e exerceu a clínica médica pela especialidade de pediatra. A primeira nomeação de Francisco Souza Lima à

10 A construção do Hospital São Francisco de Assis fora dos limites urbanos da capital refletia os contornos assumidos pela assistência em Belo Horizonte. Em nossa pesquisa, podemos perceber que a construção da assistência à saúde em Belo Horizonte materializou as contradições e ambiguidades do processo de desenvolvimento geográfico e urbano da capital, criando um espaço de exclusão simbólica de acesso ao serviço médico em determinadas regiões e por determinados grupos sociais. O acesso à saúde em Belo Horizonte realizou-se a partir da existência de dois modelos institucionais. O primeiro circuito assistencial manteve-se dentro dos limites da Zona Urbana e tinha na Santa Casa de Misericórdia seu pólo irradiador. A expansão da assistência na capital ocorreu mediante o crescimento desordenado da cidade e da intervenção do poder público em transformar determinadas regiões ocupadas sem regulamentação da prefeitura em Vilas Operárias. O segundo circuito assistencial em Belo Horizonte desenhou-se a partir desta expansão e da parceria firmada entre a prefeitura e a SSVP. Criou-se na região nordeste, em especial na Vila Operária da Concórdia, uma rede assistencial formada pelos médicos vicentinos que operavam a Creche e Lactário Menino Jesus, Hospital São Francisco de Assis e Cidade Ozanam – todos estabelecimentos destinados à assistência à saúde aos pobres e aos operários de Belo Horizonte que vivessem dentro das Vilas Operárias regulamentadas pelo poder público.

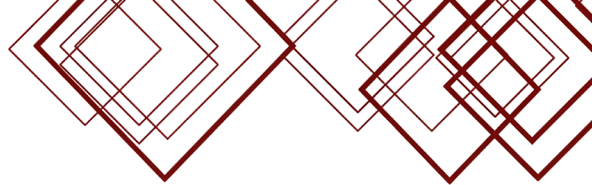


chefia das obras caritativas de *Assistência Médica* vicentina, ocorreu em 12 de dezembro de 1932, quando seu nome aparece no livro de atas do Conselho Metropolitano de BH como “chefe da assistência médica, da Villa Vicentina e da Creche [Menino Jesus]”, substituindo, o famoso médico vicentino Roberto Almeida Cunha – mesmo ano em que Francisco de Souza Lima colou grau em medicina. Em 10 de março de 1935, coube ao médico a leitura espiritual e no mês seguinte conduziu a criação da Conferência Vicentina S. Luiza de Marilac¹¹, que precedeu em dois meses a fundação da Corporação de Médicos Católicos (LIVRO DE ATAS, 1927-1937, p. 162 a 186).

502

Como presidente da CMC, a presença de Francisco de Souza Lima - e Delor Luis Ferreira, vice-presidente da CMC - nas reuniões do Conselho Metropolitano de BH foi quase sempre constante. Dentro do mundo vicentino, Francisco de Souza Lima exerceu diversas atividades, como leitura espiritual, participação em eventos, além de presidente da Comissão de Obras e Fiscalização da Cidade Ozanam. Por ocasião das enfermidades que vitimaram Furtado de Menezes, Francisco de Souza Lima foi nomeado o médico responsável pelo tratamento do presidente do Conselho Metropolitano de BH e deputado federal e, com a ausência de Furtado de Menezes nas reuniões do Conselho Metropolitano, coube a Francisco de Souza Lima assumir a condição de secretário, e, em seguida, tornando, em agosto de 1941, vice-presidente do Conselho Metropolitano. Passados dois anos, em maio de 1943, o então presidente do Conselho Metropolitano, Benedito dos Santos, alegando motivos de saúde, licenciou-se do cargo e, em face disso, foi sugerido o nome de Francisco de Souza Lima, juntamente com o confrade Lafayette de Pádua, para tomar posse da presidência do Conselho Metropolitano,

11 A Conferência de Santa Luiza de Marilac foi a primeira experiência associativista vicentina dos médicos que fundariam, em junho do mesmo ano, a CMC.



fato que concretizou-se logo após falecimento de Benedito dos Santos (LIVRO DE ATAS, 1937-1945, p. 69-173).

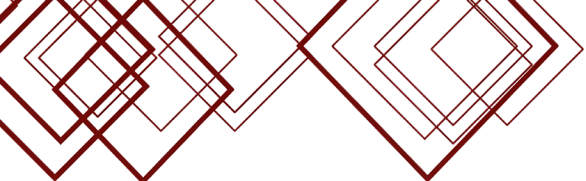
Além de sua atuação no Conselho Metropolitano, Francisco de Souza Lima também atuou na rede de assistências à saúde ofertada pela SSVF. Na condição de médico e presidente da CMC, foi também responsável por assistir e presidir a assistência médica vicentina aos pobres assistidos pelo Lactário Menino Jesus, pela Cidade Ozanam¹² e pelo Hospital de São Francisco de Assis da Corporação dos Médicos Católicos.

Para além da assistência à saúde caritativa ofertados pelos médicos da CMC, o Hospital São Francisco de Assis consolidou-se também como um espaço importante para atuação dos profissionais médicos, pois, a criação de um hospital caritativo serviu aos médicos sem hospital como um espaço para prática médica, a criação de redes de sociabilidade e a inserção no mercado de trabalho, enquanto procuravam galgar lugares de maior relevância no campo médico belo-horizontino. Dentre todos os médicos fundadores da CMC que decidiram permanecer em BH após o término da graduação em medicina, a maior parte deles foram, em algum momento entre 1937-1946, do corpo clínico do Hospital São Francisco de Assis.¹³ Em um texto biográfico sobre o médico

503

12 Além de ser o médico responsável pela assistência à saúde aos pobres acolhidos pela Cidade Ozanam, Francisco de Souza Lima foi exercer também as funções de secretário e tesoureiro (LIVRO DE ATAS, 1937-1945, p. 184 e 186).

13 Com exceções dos médicos Acácio Correa Dolabella, Domingos Magalhães Lopes, Jayme Werneck e Mário Vaz de Mello. Os demais médicos fundadores da CMC estavam, assim, distribuídos no corpo clínico do Hospital São Francisco de Assis: Clínica Pediátrica: Francisco de Souza Lima, Delor Luis Ferreira, Berardo Nunan Filho, Pêrsio Pereira Pinto, João Guerra Pinto Coelho; Clínica Cirúrgica: João Ren-de Alves; Clínica Otorrino: José Pinheiro Chagas; Clínica Médica: Paulo Miranda e José Amaral Castro; Clínica dos Olhos: Osvaldo Silveira. Clínica Ginecológica: João Evangelista do Amaral; Clínica Obstétrica: José Benedito dos Santos Oliveira; Clínica Urológica: Teófilo de Souza Lima; Clínica Dermatológica: Breno de Paiva Oliveira; Clínica Radiológica: Geraldo Coelho de Almeida; Laboratório: Antônio Paulo Xime-

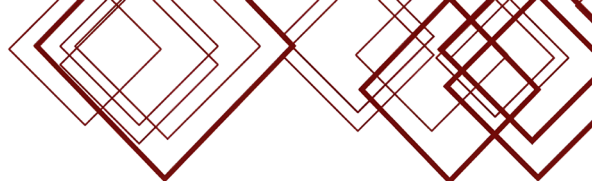


João Baptista Resende Alves é narrado sua chegada na capital do estado, após a conclusão do curso de medicina no Rio de Janeiro e uma breve estadia no interior do estado. Assim, conta o biógrafo, que

Em junho de 1934, João Baptista Resende Alves foi a Belo Horizonte, conhecer a cidade. [...] João foi apresentado a um jovem que chegara a Belo Horizonte. Era Francisco de Souza Lima, médico [...], que estava fundando uma instituição, que viria a ser o Hospital São Francisco de Assis, na Vila Concórdia. Em 1º de julho de 1934, João iniciou sua vida profissional em Belo Horizonte, passando a atender em seu consultório, localizado no edifício Palacete Viaducto (sala 62, telefone 3913), assim como Francisco de Souza Lima, que tinha consultório no mesmo edifício. João tinha dificuldades em internar seus pacientes em hospitais para operá-los. Seu colega de Entre Rios de Minas, Gastão Ribeiro de Oliveira, era médico da Santa Casa de Misericórdia, e internou, em seu nome, alguns pacientes de João, que lá foram operados por ele. Mas, a manobra foi percebida e proibida. João passou a viver o drama *do cirurgião sem hospital* que o aceitasse. [Grifo nosso]. (ALVES, 2007, p. 119-120)

Embora não tenha sido fundador da CMC, a trajetória e a aproximação do médico João Baptista Resende Alves aos Médicos Católicos ocasionado pela sua mudança de residência, acaba, por sua vez, trazendo luz às trajetórias dos membros da CMC em seus processos de

nes de Moraes e José Ribeiro Filho; Farmacêutico: Jarbas Rezende Monteiro; Dentista: José Santos. (GRANDE E FECUNDA OBRA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, 22 de fevereiro de 1940, p. 3). Contudo, há de mencionar também a atuação de outros médicos no período pesquisado: Zeno Santa Rosa, Luiz Andrés Ribeiro de Oliveira, ambos atuaram como cirurgiões, Paulo de Castro Miranda que atuou na clínica, José Nobrega que atuou como patologista clínico, o cardiologista Lycurgo Lucena, o ortopedista Deodoro Barcelos, o dermatologista José da Rocha Cunha, o oftalmologista Hilton Rocha, o neurocirurgião Moacyr José Berardes e anatomopatologista Paulo Ferreira Borges (ALVES, 2007, p. 125).



construção de carreira e inserção no mercado médico da capital que transitaram juntamente com instituição vicentina aglutinados em torno de Francisco de Souza Lima. A aproximação com Francisco de Souza Lima, que o levou para ser médico no Hospital São Francisco de Assis, local onde pode atuar por 14 anos, permitiu ao médico forasteiro e sem hospital construir sua clientela na cidade e “acumular experiência e casuística, que lhe permitiram ser aprovado em três concursos de docência-livre e num concurso para cátedra.” (ALVES, 2007, p. 124-125-126).

Acompanhar os caminhos de inserção seguidos pelo médico João Baptista Resende Alves pode revelar os caminhos e trajetórias seguidos pelos médicos da CMC em busca de se consolidarem no mercado de trabalho, formarem suas respectivas clientelas e terem um espaço institucionalizado para exercer e praticar a medicina, em um contexto que era necessário ainda construir a imagem social do médico (MARQUES, 2005) e sua autoridade cultural (STARR, 1991). Nesse sentido, a história de João Baptista revela muito do aspecto geral dos médicos da CMC, quais sejam, médicos recém-graduados, não naturais de Belo Horizonte, vindos do interior de Minas Gerais, de famílias sem tradição na área médica e buscando inserirem-se no mercado de trabalho e na comunidade médica belo horizontina. Dessa forma, entendemos que o Hospital São Francisco de Assis ultrapassou sua função de curar e se tornou, para os médicos sem hospital, um lugar de construção de redes de sociabilidades, de aprendizado e de prática médica. Sob os signos da caridade, esses médicos conseguiram construir clientelas, adentrar ao mercado de trabalho, consolidar um projeto de ascensão profissional, e, com o tempo, ascender na clínica médica. Esses médicos foram galgando degraus no campo médico, buscando posições mais ao centro e

505



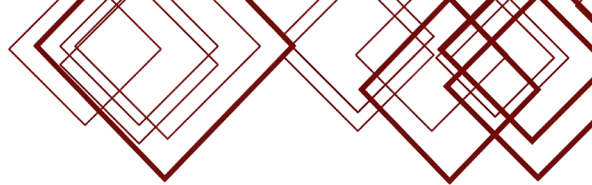
frequentando novas instituições¹⁴.

Considerações Finais

As transformações urbanas e sociais pelas quais o estado mineiro atravessava no início do século XX, potencializado pela transferência da capital e a criação da Faculdade de Medicina, em conjunto com a expansão das instituições de assistência à saúde e permeadas pelo ambiente religioso militante da AC protagonizado por Dom Cabral formaram as condições fundamentais para o surgimento da CMC. Não obstante, a pesquisa tem demonstrado que todos os médicos fundadores da CMC provieram de famílias sem tradições no campo médico, que se mudaram para Belo Horizonte por consequência, direta ou indireta, da transferência da capital do estado e da fundação da Faculdade de Medicina. Nesse sentido, procurou-se compreender a CMC como produto de um contexto de institucionalização da medicina acadêmica somado às inspirações do catolicismo leigo militante.

Entre outros, Starr (1991), Pereira (2001), Marques (2005), Vieira (2020) destacam que o século final do século XIX e início do século XX foi caracterizado por novos avanços epistemológicos e institucionais

14 Refiro-me, em especial, aos médicos Berardo Nunan, Hilton Rocha e Jayme Werneck. Ao estudarmos e analisar os caminhos pelos quais os médicos da CMC procuraram construir suas respectivas carreiras, percebemos também que havia, sobretudo, a partir dos anos de 1940 uma tendência entre estes médicos de romperem com Francisco de Souza Lima, e com a CMC, e procurarem construir suas respectivas carreiras dentro do campo acadêmico, com a publicação de artigos acadêmicos em revistas científicas, tornando professores da Faculdade de Medicina e ocupando posições hegemônicas dentro do campo médico acadêmico em suas respectivas especialidades. Assim, procurou levantar como hipóteses que estes médicos, em especial, Berardo Nunan e Hilton Rocha – já que Jayme Werneck, filho de um médico consagrado em Belo Horizonte não trabalhou no Hospital São Francisco de Assis - atuaram como clínicos no Hospital São Francisco de Assis, em consonância com a CMC e Francisco de Souza Lima e, após construírem, através da caridade e da assistência vicentina, suas inserções profissionais na capital, estes médicos buscaram outros meios para exercer a profissão médica e a medicina.



que favoreceram o processo de profissionalização do campo médico e o monopólio das práticas curativas pelos médicos acadêmicos. A criação de novas faculdades de medicina, a expansão da formação médica, o aumento do capital cultural médico, a busca pela consolidação da autoridade cultural médica foram marcos fundamentais deste processo. Contudo, o caminho era árduo e carecia dos médicos estratégias que os ajudassem em suas respectivas inserções profissionais. Assim, era necessário investir na construção social da imagem do médico, uma necessidade que fazia com que médicos procurassem estratégias de legitimação para além do campo médico, sobretudo se fossem jovens, recém diplomados, vindos de fora de Belo Horizonte e de famílias não tradicionais.

Nesse texto, procurou acompanhar a trajetória de um determinado grupo de médicos que se juntaram para constituir uma Corporação de Médicos Católicos a fim de buscarem seus lugares no mercado profissional e construírem suas carreiras profissionais. Dedicaram-se aos caminhos da clínica médica privada, constituíram consultórios e procuraram exercer a medicina pelo viés caritativo entrelaçados aos valores católicos. Neste sentido, observa-se que Francisco de Souza Lima foi certamente o melhor representante dos médicos que optaram pela construção de suas identidades profissionais em diálogo com o mundo católico, em especial, com a SSVP.

507

Com o passar do tempo e do exercício profissional, os Médicos Católicos foram traçando caminhos profissionais diferentes. Um destes médicos foi Berardo Nunan que, até os anos de 1940, construiu sua carreira médica pelo viés da caridade, participando da CMC, clinicando e chefiando a Clínica Pediátrica do Hospital São Francisco de Assis. Entretanto, a partir da década de 40, o médico alterou o modo de construir sua carreira profissional. Em 1942, Nunan parou de clinicar no Hospital São Francisco de Assis para tornar-se Livre-Docente da Facul-



dade de Medicina e mais tarde catedrático, participando da fundação da Sociedade Mineira de Pediatria. Uma nova fase da carreira de Nunan iniciava, enquanto que Francisco de Souza Lima consolidava-se como um médico que optou por construir seus caminhos profissionais pelos entrelaços com o mundo vicentino. Os caminhos profissionais optados pelos Médicos Católicos não foram antagônicos e/ou excludentes, mas antes representavam modos possíveis que coexistiram de construção da autoridade médica, de promover a inserção da medicina na vida social e de construir suas respectivas carreiras profissionais.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, C.M. *Perfis biográficos dos patronos da Academia Mineira de Medicina*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 2009.

508

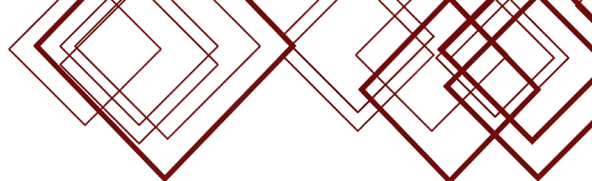
ALVES, J.C.R.R. *A cirurgia e o sonho: biografia de João Baptista de Resende Alves*. Belo Horizonte, 2007.

ANÚNCIO –Dr. Jayme Werneck – *O DIÁRIO*, Belo Horizonte, p. 3, 12 de Janeiro de 1941.

CARVALHO, Keila Auxiliadora. *A Saúde pelo Progresso: Medicina e Saúde Pública em Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2008.

CHAVES, B. S. “Instituições de saúde e a ideia de modernidade em Minas Gerais na primeira metade do século XX.” In MARQUES, Rita de Cássia (org.) *História da saúde em Minas Gerais: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Barueri, SP: Minha Editora, 2011.

ENCICLOPEDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, 31 de janeiro de 1958.



GODOY, M. M. et. al. Região, população e transporte em Minas Gerais na Era Vargas. As contradições da era ferroviária e as correlações entre infraestrutura viária, território heterogêneo e distribuição e mobilidade populacionais. *Topoi* (Rio Janeiro.), Rio de Janeiro, v. 18, n. 35, p. 274-302, maio/ago. 2017.

GONÇALVES, M. Caridade, abre as asas sobre nós: política de subvenções do governo Vargas entre 1931 e 1937. *Varia Historia*, 27(45), p.: 317–336 - 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-87752011000100014>. Acessado: 20 de julho de 2024.

GRANDE E FECUNDA OBRA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, que se realiza no silêncio. *O DIARIO*, 22 de fevereiro de 1940. p. 3.

LIVRO DE ATAS 1927-1937, *Conselho Metropolitano da Sociedade São Vicente de Paulo, Belo Horizonte*. Sociedade São Vicente de Paulo, 1927-1937.

509

LIVRO DE ATAS 1937-1945, *Conselho Metropolitano da Sociedade São Vicente de Paulo, Belo Horizonte*. Sociedade São Vicente de Paulo, 1937-1945.

MARQUES, R. C. . *Imagem social do médico de senhoras no século XX*. Belo Horizonte: Coopmed, 2005.

_____. *A Caridade criando hospitais em Minas Gerais (Brasil) séculos XVII-XX*. *Dynamis* 2011; 31(1): 107-129.

O ESTANDARTE. Cataguazes, 16 de março de 1918 – Ano III nº 55.

O ESTANDARTE. Cataguazes, 20 de abril de 1913 Ano III nº 60.

O PHAROL. Juiz de Fora, 29 de novembro de 1918 Ano LIII nº 279 p. 1

PEREIRA NETO, A. F. *Ser médico no Brasil: o presente no passado*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

RODRIGUEZ, Ana María Teresa. *Médicos, Iglesia y Estado. Tensiones*



entre discursos, políticas y prácticas sobre la construcción política de los cuerpos generizados em la Argentina de los años '30-'45. Facultad de Ciencias Humanas. Universidad Nacional de La Pampa, Diciembre, 2005.

SALLES, P. *Notas sobre a história da medicina em Belo Horizonte.* Belo Horizonte, 1997.

STARR, P. *La transformación social de la medicina em los Estados Unidos de América.* Secretaría de salud, México, 1991.

STONE, Lawrence. *Prosopografia.* Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/khxZXHsx498bxmNtg63Hzgy/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 13/04/2025.

WIRTH, J. *O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira, 1889-1930.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

510 TOPICOS de uma vida – Centenário Hilton Rocha, *Jornal Oftalmológico Jota Zero* Novembro/Dezembro 2011. Disponível em: <http://www.cbo.com.br/novo/medico/pdf/jo/ed140/8.pdf>. Acessado: 12 de outubro de 2024.

VIEIRA, Lucas Lolli. *A corporação dos médicos católicos e a assistência à saúde e à pobreza em Belo Horizonte entre 1930-1940.* 2020. 379 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2020.